

Essence Friend

A REVOLUÇÃO PACÍFICA DA HUMANIDADE



VISÕES E REALIDADE

Sobre este escrito

A minha doença só cura quando já tentei de tudo: deixar uma visão às pessoas e espalhá-la por todo o lado.

Diante de si está esta visão.

Dezasseis anos de pesquisa, estudo, mas também de ilusões e paranóia levaram a esta escrita. Nas páginas seguintes aprenderão através de que florestas, águas, escuridão e condenação a doença me conduziu para fora dos "bloqueios" das nossas vidas a esta visão e para a luz.

Esta luz brilha a partir das seguintes linhas. Por favor, dedique algum tempo à sua leitura. Faz-me sentir um pouco melhor. Acima de tudo, porém, é a nossa terra com todas as suas criaturas únicas e maravilhas naturais que a minha visão espera preservar. Esta escrita destina-se a encorajar-nos, a dar-nos um futuro feliz e salutar.

O seu amigo da natureza

Essence Friend

A REVOLUÇÃO PACÍFICA DA
HUMANIDADE

Impressão:

www.dierevolutiondermenschheit.info

Email: wesenfreund@gmail.com

© 2020 Ser um amigo

Fotos: Pixabay

Já chega!

Já houve e há vítimas
suficientes e sofrimento
evitável em todo o mundo!

*Os seus próprios filhos?
Sim, talvez eu queira. Mas só
depois de ter feito do mundo
um lugar melhor.*

O seu amigo da natureza

Índice

Delírios de grandeza?	Página8
doSer Amigo	Pagina12
"Sofrimento" e "Tretas"	Página20
Nós "Maravilhas da Natureza"	Página23
Milagres matam Milagres	Página24
Religions	Pagina24
De echapéus Facas	Pagina25
O Império dado Sol	Página26
As dores da esperança	Página29
A revolução pacífica da humani dade	Página31
Um mandato da ONU sobre redistribuição global	Pagina35

Promessa de acesso

Página40

Preocupação pessoal

Página40

Sobre o Autor

Pagina41

Delírios de grandeza?

O meu nome é Wesenfreund. Sou um megalómano. É o que dizem os médicos. Mas alguém tem de desdobrar esta visão e levá-la até ao povo.

Nas minhas mãos tenho nas mãos uma imagem da nossa Terra. Provavelmente está familiarizado com tal fotografia do nosso planeta tirada do espaço.

Poderíamos enumerar os planetas do nosso sistema solar e muitos mais. A Terra é o único deles que nos fornece um habitat: o nosso Planeta Azul.

Antes da minha paranóia, quase nunca o fazia, só muito raramente olhava para uma fotografia da terra. O meu habitat, como a maioria de nós, era o bairro ou aldeia onde eu vivia. Raramente nós olhamos para além disso na nossa vida quotidiana ocupada. Podemos ir trabalhar na cidade ou para outro bairro, mas depois voltamos para casa, para aquilo a que chamamos o nosso ambiente de vida. Mas o nosso mundo vivo é muito maior.



No meu bairro conheci muitas pessoas, tive uma família, uma namorada e amigos, fui às compras, ao trabalho e aos clubes com música techno e comprimidos de ecstasy. Eu vivi uma vida como nós, humanos, vivemos.

Tudo isto foi antes da paranóia.

Hoje em dia o meu espaço de vida é diferente. A minha opinião mudou. Quase diariamente olho agora para esta foto da terra tirada do espaço. Eu pego nele e vejo qual é o nosso verdadeiro espaço de vida. Que todos os nossos bairros, distritos, aldeias, comunidades, países e continentes fazem parte de um todo. Todos sabem isto quando pensam sobre o assunto. Mas quase ninguém faz ou percebe o que eu tenho feito desde o início da minha paranóia.

Olho para a fotografia e vejo a nossa terra. O quanto já o ferimos.

Vem-me à cabeça uma velha piada.

"Será que dois planetas se encontram? Como está?"

pergunta um deles.

"Não tão bom", a resposta ressoa em todo o universo. "Eu tenho humanidade".

"Oh", diz o outro planeta. "Não se preocupe, esta doença desaparecerá por si só".

Talvez nós, humanos, desapareçamos por nós próprios. Mas ainda teríamos milhões de anos. Mas mesmo com o nosso fim, estamos obviamente com pressa. Estamos habituados a apressar-nos. Destruímos o nosso planeta. Viver sobre ele e destruí-lo. Não terá para onde ir. Ou os nossos filhos e netos não terão lugar para viver. A piada de cima está a tornar-se realidade. Nós, humanos, tornamo-nos uma piada estúpida.

Quero que ganhemos apreço pela nossa terra - que nos une, sustenta e alimenta.

Veja uma foto do nosso Planeta Azul uma vez por dia. Peguem nela e coloquem-na na carteira.

Mesmo onde guarda as fotografias dos seus amigos ou família. Instale imagens da Terra como fundos nos seus smartphones, partilhe-as com os seus amigos. O nosso planeta - não temos nada mais magnífico. Devemos adorar, celebrar e cuidar dele mais do que o novo SUV ou a outra treta em que os "bloqueios" nos conduzem.

Eu próprio já vivi entre estes "bloqueios". A minha doença levou-me para fora deles

fora. Isto durou dezasseis anos. As pessoas olhavam para mim como se eu estivesse a desistir da vida real. No processo, encontrei-o. Gostaria de nomear alguns dos nossos "bloqueios", temos de os exorcizar juntos mais tarde:

Inveja, ressentimento, carreira, diferenças de género, cores de pele, distribuição da riqueza global,

Nacionalidades, religião, paraísos fiscais, homicídio de animais industriais, desequilibrado

Justiça climática.

O Caminho do Amigo

Deixem-me descrever-vos a minha viagem. Como a minha doença me tirou de um mundo de "bloqueios" e a escuridão penetraram na luz e o meu olhar alargou-se. Tal como o meu estreito espaço de vida da vizinhança se expandiu para contemplar o nosso planeta. Portanto, antes de dizer, vejamos novamente a fotografia da terra. Não podemos fazer isto com frequência suficiente.

A minha vida começou de forma bastante convencional. Fui à escola, adorei a minha infância, a minha família e os meus amigos. A juventude amanheceu. E terminou imediatamente de novo. Quando eu tinha catorze anos, encontrei o meu pai numa poça de sangue no chão da cozinha. Colocando a minha mão na sua testa, senti que ele estava com frio. Nunca esqueci essa frieza. É o frio do suicídio, do desespero e do desespero. Muitas vezes, mais tarde, ia ficar muito frio.

Completei os meus estudos, encontrei um emprego e olhei para o meu irmão. Seis anos mais velho do que eu, já se tinha tornado um homem de negócios de sucesso. Isto - pensei para mim mesmo - também deveria ser o meu caminho. Mas as coisas saíram de forma bastante diferente.

Techno e house eram a minha música. Fui muitas vezes dançar até ao amanhecer. Como me senti bem. Abandonei tudo. Até o frio do pai, do qual nunca me conseguiria livrar de outra forma.

Por vezes alguém tinha estas pílulas com eles. XTC. Eram óptimos. Porque poderia dançar sem parar com eles, com estes comprimidos vermelhos, azuis, verdes ou amarelos. Era pura felicidade. Até que a minha cabeça já não aguentava mais. Todas as

cores desapareceram, permaneceram

nada além de preto. Números moviam-se pela minha cabeça. Eles vinham buscar-me.

"Esquizofrenia paranóide", disseram os médicos.

A minha vida estava então dividida, há quase dezassete anos. Atrás de mim estava a minha infância, o

Morte do meu pai, da juventude e da adolescência, da dança e da minha namorada. Eu perdi-a. Nunca mais a vi.

À minha frente estava: escuridão e uma incompreensível viagem de quase dezassete anos à luz. A escuridão apoderou-se muitas vezes da minha cabeça. Enchendo-o de medo e maldade.

Isto é o que os médicos chamam paranóia. É cruel.

Mas libertou-me. Depois de todos estes anos,

derrubouos

"blocos" e

ajudou-me alivrar

da

velhaeobsessiva ideia de "bem e mal" da minha existência. Eu sabia que o podia fazer e fiz o meu plano. Eu atrairia o mal e os seus franco-atiradores para o meu rasto, levá-los-ia através do prado para a floresta e finalmente tê-los-ia destruído pela Bundeswehr.

O mal prefere levar os fracos. Eu sabia disso.
Então eles viriam, os capangas, se eu, um ser
doente, se deparasse com um

O prado coxeou. Fácil de localizar, localizar e filmar.

Levei um par de muletas. Apoiando-me neles, embora não precisasse deles, coxeei para fora do apartamento, ao fundo da rua, entre as casas e para o aberto de um prado. Agora o mal iria verme.

Parado e parecendo frágil, a relva brincou à volta dos meus sapatos e muletas quando me aproximava da orla da floresta. Vieram-me à mente canções da minha infância. Até à queda do Muro de Berlim, tínhamos vivido na cidade que é hoje Chemnitz e que se chamava Karl-Marx-Stadt. Eram as canções dos meus dias patrióticos na RDA, que eu primeiro entoava suavemente e finalmente cantava em voz alta.

*"Irmãos, para o sol, para a liberdade,
irmãos, para a luz!
Brilhante do passado escuro brilha o
futuro".*

Tinha quase chegado à floresta. O mal, tinha de me ver. E veio. Ouvi-o claramente. Cantei mais alto e coxeei com as minhas muletas debaixo das axilas entre as

árvores e o crepitar das folhas a trair-me.
Fiz uma pausa e o silêncio morto envolveu-me.
Estava familiarizado em estar só, mas nunca me
tinha sentido tão só. O povo, tinha a certeza, tinha
decidido colonizar outro planeta longínquo. Só eu
tinha sido esquecido, talvez deliberadamente
deixado para trás.

"Eu sou", falei desesperadamente para a floresta,
"o último homem".

Dei alguns passos. Folhas enferrujadas de novo.
Havia mais alguém a quem os sons me pudessem
trair? O mal. Certamente que os humanos o
tinham deixado para trás na sua viagem para um
planeta distante. Ainda lá estava. Eu senti-o. Os
ramos chicotearam-me a cara. Eu tinha começado
a correr. O mal, ouvi-o aproximar-se. Estava
prestes a apanhar-me. Agora.

Os cães de capanga ameaçaram contactar-me.
Eles queriam a minha carne, os meus ossos, tudo.
Uivava de medo. Eu gritava como um urso.
Rugiram de mim os animais. Reconheceu um
caminho entre os cães, como sempre e para

tudo tem um caminho, a correr através dele e a correr pela floresta.

Os ramos batiam-me como se a natureza estivesse a vingar-se da destruição que nós, humanos, lhe causamos. De repente, cheguei a uma parede. Com grande pressa, simplesmente saltei por cima dela. Até onde poderia ter caído do outro lado. Mas eu não fiz nada, foi talvez invulnerável, corri sobre e para a água de um lago florestal.

Acima de mim as estrelas. Eles também me assustaram. Não eram mais do que satélites com os quais o mal me podia seguir. Seguindo-me para todo o lado. Mesmo aqui, nestas águas onde não deixei vestígios.

Os peixes vagueavam à volta das minhas pernas. O mal correu na minha direcção. Senti a sua respiração. Assobiou e empurrou. Mas não parecia estar mais perto.

Este corpo de água em que eu estava de pé, eu sabia-o dos meus sonhos. Aqui mesmo, no fundo deste lago, há muito tempo que eu queria procurar algo. O peixe cumprimentou-me. Eles pareciam estar à minha espera. Em contraste com os

ramos chicoteadores

,

conciliadora água alta da

cintura em que enfiei a minha cabeça.

e começou a mergulhar compulsivamente. Tive de o encontrar, o ceptro que procurava há muito tempo. Só com ela nas minhas mãos seria finalmente capaz de libertar a humanidade de todo o sofrimento. Uma e outra vez mergulhei, vim à superfície e vi as tochas a piscar, cegando-me.

O lago foi cercado. O urso em mim estava em silêncio e queria descansar. O proprietário do lago de pesca tinha chamado a polícia, que chamou os médicos. Agora eles estavam lá, levaram-me até à ambulância e arrastaram o líquido para dentro de uma seringa à sua luz.

A minha injeção letal. Não consegui pensar em mais nada. Vi a agulha a encher-se, gritei que não queria morrer e revoltei-me. Eles puseram a seringa de lado e deram-me sedativos.

Após trinta minutos, os homens levaram-me para um duche. Eu devia lavar a água do mar, disseram eles, e abrir a torneira. Deixei chover sobre mim. Calafrios. Só conseguia pensar nos zombies que estavam prestes a sair dos esgotos e a despedaçar-me.



"Sofrimento" e "Tretas"

Na clínica, os delírios desapareceram. Eu tinha passado pelo inferno. Tinha entrado deliberadamente com as minhas muletas enfiadas debaixo das axilas, andei pelo campo, pela floresta, pela água e pelo puro horror. Mas eu tinha posto o inferno para trás de mim.

Ela era agora uma coisa do passado. Apaguei-a da minha mente, tal como a combinação do nosso pensamento congelado - "bom" e "mau" - já não existia para mim. A minha passagem pelo horror provocado pelo homem tinha-o estilhaçado. Partidas, as palavras "bem" e "mal" estavam diante de mim. Muitas cartas.

B - O - E - S -

EG- U - T

O início de algo novo. Só tinha de o encontrar. Cartas empurradas em forma de cubo durante muito tempo e formaram anagramas. Em "mal" encontrei o "lago", pensei no ceptro e soube que estava no caminho certo.

O nosso pensamento polar em "bem" e "mal" falhou. Já não é bom para descrever,

o que nós, humanos, estamos a fazer, uns com os outros e com o nosso planeta. Senti-me compelido a substituir as duas palavras. Silenciosamente, falei o que estava a pensar.

A SOFRER DE TRETAS

Tornei-me mais ousado. Disse estas palavras com mais força, fazendo-as finalmente ressoar com todo o meu corpo. Quebrei os meus "blocos", quebrei aquelas correntes e gritei para que todo o mundo ouvisse:

"Quão imbecil é o sofrimento que trazemos sobre nós próprios e sobre o mundo".

Nós "Maravilhas da Natureza

Também ponho frequentemente a palavra "humano" fora das minhas cartas. Olhei para os pequenos cubos deitados em cima da mesa à minha frente.

M - E - N - S - C - H

Tive vergonha de muitas coisas que associei a nós humanos - a nossa certeza de todos os seres vivos, exploração, destruição, ganância e sofrimento. Odiava todos estes "blocos". Desloquei as cartas à procura de anagramas e não encontrei nenhum. O conceito de "ser humano" falhou. "Porque não nos reinventamos?", desejei calmamente entrar numa sala escura. Encontrei visões em mim e falei-as.

"Nem as criaturas, nem as criaturas de Deus, nem só os seres humanos somos nós. Para todos os seres vivos, cada ser humano, cada animal e cada planta são únicos e capazes de inspirar. Somos todos milagres da natureza".

Os milagres matam os milagres

Seguiram-se outros episódios. Fases psicóticas que me expulsaram de casa. Os franco-atiradores vigiaram-me através de âmbitos. Cada um dos homens armados simbolizava, como eu viria a perceber mais tarde, um dos nossos bloqueios. Eles não me deixariam escapar. Mais uma vez menciono alguns dos seus nomes:

Inveja, ressentimento, carreira, diferenças de género, cores de pele, distribuição da riqueza global,

Nacionalidades, religião, paraísos fiscais,

Assassinato de animais industriais, justiça climática desequilibrada

Vejam o atirador lá em cima, parecendo um caçador, ele simboliza o nosso assassinato de animais industriais, o abate, desmembramento e retalhamento das maravilhas da natureza.

Quando vejo alguém a comer carne, furo-me por um tormento que mal consigo suportar. Mas eu persevero e faço a minha pergunta.

"Alguma vez pensa em espetar o seu garfo em algo que há apenas alguns dias atrás respirava, sentia e amava a vida nada menos do que você"?

Desde o meu passeio pelo inferno, tenho a coragem de perguntar aos meus semelhantes tal coisa. Sentir a dor quando alguém aborrece o seu garfo num pedaço de carne.

Religiões

Outros franco-atiradores, vejo-os nas casas de culto deste mundo. Eles simbolizam a "Bloqueios" que emanam de religiões. Uma vez pensei que estes poderiam pôr fim ao sofrimento na terra e à sua crescente destruição. Isso foi um erro. E apercebi-me de como as religiões nos separam humanos uns dos outros, bloqueiam a coexistência e contribuem para tudo aquilo de que devemos finalmente libertar a humanidade e o nosso planeta.

De chapéus e facas

Em casa pratiquei rituais. Através deles, pensava eu, o mundo tornar-se-ia um lugar melhor. Peguei num chapéu e pus uma faca atrás dele. Vi tudo claramente à minha frente agora, o cowboy ou homem branco, a sua ganância sem fim e os perigos que isso representa para nós, humanos. Estará a ganância na nossa natureza?, a pergunta não me deixou ir e a minha pequena rima veio até mim:

*"Aqueles que matam a sua consciência com
publicidade, necessidades artificialmente
despertadas
amamentar com compras".*

Tal como um brinquedo, as pessoas por vezes conduzem-me através do consumo interminável da zona de compras. Os perigos espreitavam por todo o lado, tentando arrastar-me para o vórtice da ganância e dos "bloqueios". Uma vez não consegui aguentar mais e rasguei a minha roupa. Só nua, sem os sinais de consumo no meu corpo, poderia sobreviver. Eles não me apanhariam assim.

E de facto - livre como eu era agora - tudo à minha

volta congelou. Como pilares de sal

Passageiros ao meu lado. A mulher de Lot da história bíblica veio-me à mente, que se tinha virado para olhar uma última vez para Sodoma destruída por Deus, que estava em chamas como um centro comercial à sua frente.

O Império do Sol

Afundi-me de joelhos e olhei para o sol. Os franco-atiradores tinham desaparecido. E com eles as nuvens escuras que tinham acabado de escurecer o céu. Os raios de sol aqueceram-me. O sol - curvei-me a ele, como a todas as maravilhas e afirmações da vida.

Muitas rainhas e reis merecem a coroa da criação porque respeitam e protegem verdadeiramente a vida. No entanto, o sol é o maior de todos os milagres. Seria escuro, frio e sem vida sem ele. Nada é mais urgente de criar do que o nosso Império do Sol com milhares de milhões de rainhas e reis.

Aqueça-se ao sol, como eu fiz quando o venerava nu e de joelhos. Tão forte



Dedos agarrados aos meus ombros, os homens falavam comigo e empurravam os seus rostos para o lado para a luz solar. Um polícia e um socorrista estavam quase a lutar por mim. Enquanto o oficial queria levar-me embora por causar um incómodo público, o trabalhador do resgate falou de anomalias mentais, convenceu o polícia e eu fomos levados para o hospital. Numa maca empurraram-me para o outro lado da ala. "Leva", olhei para o polícia a andar ao meu lado, "a minha carteira, por favor". Já não preciso dele". Tirando a minha carteira do bolso, segurei-a à sua frente e empurrei-a literalmente para o oficial. Estava tão convencido de que estava prestes a deixar a terra e a entrar no reino dos céus.

O polícia não aceitou a minha carteira. Nem o meu caminho me levou ao reino dos céus, mas levaram-me do hospital para a ala psiquiátrica. "Estão a levar-me", tornou-se a minha única verdade, "para um campo de concentração". Leva-me para lá, para uma morte sem fim". Pensei na minha mãe. Adeus sussurrado

palavras cruzaram os meus lábios trémulos. Nesse dia passei pelo inferno - e deixei-o para trás.

Dores de esperança

Mais uma vez os médicos notaram "episódios psicóticos" e deram-me medicação. Eu não os queria. A decisão foi tomada. A minha recuperação teria de esperar. Afinal, os episódios psicóticos foram tão intensos e cheios de realizações que eu não os quis conter ou mesmo expulsá-los do meu corpo.

Queria abrir-me completamente a estas perspectivas. Deixe-os vir sobre mim e levá-los ao mundo. Foi assim que jurei a mim mesmo e agora estou perante vós com este escrito.

Ela está cheia de medo. Já sabe isso. Mas através do medo e da minha dor, temos de ir. Vamos caminhar algumas páginas juntos. Até ao fim destas linhas, à minha visão e à esperança que partilhamos.

Os paranóicos descrevem a sua percepção do mundo como drástica e assustadora. "Comigo não é diferente", pensei uma vez, atribuindo os apocalipses na minha cabeça à doença. Hoje conheço melhor. A minha percepção do mundo não é aumentada pela minha doença.

A nossa destruição do planeta, a produção contínua de armas, as guerras, o sofrimento sem fim e o assassinato em massa das maravilhas da natureza são tão horríveis como eu as vejo. A minha doença abriu-me os olhos e estou-lhe grato por isso.

O estado do mundo atormenta-me fisicamente. Se fosse o mesmo para todos nós, esta seria a nossa salvação. Quão rapidamente, impelidos pela dor, exortaríamos, não, a forçar os nossos representantes políticos a enveredar por novos caminhos.

Por favor, demore algum tempo. Sinta-se dentro de si próprios. É realmente correcto o que nós humanos estamos a fazer? Não podemos revelar o que está escondido e ser completamente diferentes? Sinta-se mais profundo dentro de si próprio. Isto não é fácil, eu sei. Os "bloqueios" e a vida quotidiana agarram-se a nós. Pensamos que

eles nos apoiam. Mas, na realidade, eles tiram-nos o fôlego e

liberdade, trazer sofrimento e ruína.
Continuar a sentir, para além dos bloqueios. Terá êxito. Encontrar esta dor de alma que conheço há anos. Utilize-a como uma oportunidade para se erguer. Saiam dos "bloqueios". Urge os poderosos a conduzir-nos para um futuro melhor. Pois só juntos podemos ser bem sucedidos:

A revolução pacífica da humanidade

"O respeito é o coração de um mundo pacífico".
Como gostei bem deste sábio ditado. Até ler Bertolt Brecht:

*"Primeiro vem a comida,
depois vem o moral".*

As palavras de Brecht da "Threepenny Opera" são verdadeiras. Esta verdade deve determinar o nosso objectivo principal:

***Um rendimento básico digno para
todas as pessoas desta terra.***

Fome e sofrimento relacionado, racismo



e a exclusão deve parar - em todo o lado no nosso Planeta Azul. Nós podemos fazê-lo. Afinal, nós "maravilhas da natureza" também possuímos forças milagrosas e poderosas para conduzir o mundo para fora do sofrimento. Uma vista sem "bloqueios" abre-nos. Fazemos o bem e isso deixa-nos felizes.

Certamente que ajudou alguém e fez o bem. Não foi um acto maravilhoso? Mais profundo, mais poderoso e mais humano do que a maior parte daquilo com que estamos a lidar?

Quão poderoso e transbordante de força e felicidade este sentimento deve ser quando conseguimos banir a fome e o sofrimento do mundo. Enviar ambos para o inferno da nossa própria criação, que depois deixamos devorar a si próprios. Adeus, seu velho inferno. Adeus, seu homem egoísta de outrora. Estamos prontos para uma nova consciência e uma redistribuição global como o início de uma "revolução pacífica da humanidade".



Um mandato da ONU para a redistribuição global

Ninguém poderia implementar melhor o mandato de redistribuição global, de expulsar a fome do nosso mundo, do que as Nações Unidas. Devemos pressioná-los incansavelmente a estabelecer uma autoridade de distribuição global que assegure uma vida digna básica para todas as pessoas neste planeta.

Este é o primeiro passo. É enorme. Mas nós, humanos, somos mestres em logística e distribuição. Se queremos algo com todo o nosso coração ou se sentimos uma dor profunda na nossa alma, somos bem sucedidos em quase tudo. Essa é a nossa força. Vamos finalmente usá-lo para fazer o bem. Muitas questões surgem com antecedência. Gostaria de lhes responder aqui.

Porque é que precisamos de um
"Rendimento básico global"?

As pessoas morrem à fome nesta terra, outras vivem em abundância. O fosso entre ricos e pobres é mais do que desumano. Precisamos de contrariar isto com algo significativo. O que poderia

O que poderia ser melhor do que um rendimento básico global para todas as pessoas?

Porque é que o rendimento básico tem de ser global?

As finanças e a economia mundial estão globalmente entrelaçadas. É por isso que é importante cobrar impostos nos países criadores de valor e utilizar estes fundos para ajudar sempre que necessário.

Acredito profundamente neste sinal globalmente mais importante de carinho que une as pessoas. Nós, humanos, aproximamo-nos e o perigo de guerras diminui. A "comida", como Brecht cinicamente disse, estaria então lá. A moralidade seguir-se-á. Finalmente, podemos cultivar permanentemente o respeito pela vida e pelo nosso planeta.

Porque é que a ONU precisa de promover o Rendimento Básico Global?

Nenhum estado e nenhum ego pode impedir uma

comunidade mundial pacífica e
bem
abastecer um efeito perturbador sobre ela.
Todos os países

e toda a população pode e deve ser convencida desta ideia. A ONU terá de encontrar a coragem de fazer frente ao seu principal financiador, os EUA. No entanto, serão bem sucedidos, tornar-se-ão mais independentes e, em última análise, angariarão mais capital para a nossa missão comum.

Quem cobra o rendimento básico global?

A ONU - como uma organização reconhecida internacionalmente
- após um mandato global obrigatório.

Como é que a ONU recolhe o dinheiro?

Como um imposto de utilidade básica por pagamento digital.

Como é que a ONU distribui o rendimento básico?

As Nações Unidas já estão a distribuir dinheiro por varredura de Iris, varredura de impressões digitais ou cadeia de bloqueios na Jordânia, por exemplo. Esta será também uma

abordagem segura e sensata a nível internacional.

Quem financia a subsistência básica?

Um imposto sobre todos os rendimentos envolvidos no processo de criação de valor global financia o rendimento básico. Além disso, será introduzido um imposto global sobre os ricos. Porque nenhum ser humano precisa de mais de um bilião de euros para viver. Uma maior riqueza será socializada e distribuída pela ONU como um rendimento básico.

*Acha que o meu plano soa utópico? Não,
não é. É certamente visionário.*

Mas nós podemos fazê-lo.

Estamos a introduzir o Rendimento Básico Global.

***É o nosso dever como seres
humanos.***

Se a minha doença o permitir, eu próprio solicitarei uma posição na ONU, defenderei um projecto de distribuição global e também lutarei se for necessário.

Olhem novamente para ela, a nossa casa comum, que tenho aqui nas minhas mãos como uma fotografia. A nossa terra. Em algum lugar lá em baixo estou. Estou muito longe. Ao mesmo tempo,

estamos perto

este planeta e com os nossos desejos comuns para o futuro. Vamos torná-las realidade. Começemos finalmente com eles - os nossos "revolução pacífica da humanidade". O

seu ser amigo

Promessa de acesso

Aqueles que excluem traem os seus semelhantes.
Se deseja receber este livro gratuitamente ou lê-lo
online, por favor veja aqui:
www.dierevolutiondermenschheit.info

Preocupação pessoal

A todos os críticos desta escrita em todo o mundo.
Por favor, faça melhor no interesse de toda a
humanidade e de todos os seres - especialmente
os mais fracos!

Pedido de donativos

100% das doações, em nome do esclarecimento, irão
para a publicidade eficiente deste projecto de escrita.

Paypal: wesenfreund@gmail.com

Banco: C24

IBAN: DE56 5002 4024 0462 2001 01

BIC: DEFFDEFFXXX

O autor

Nascido no planeta Terra. Você também?

Parece haver paralelos entre nós :) Afinal de contas, essa é uma base maravilhosa.

Para aqueles que estão interessados em mais detalhes: Nasci em Karl-Marx- Stadt (antiga RDA), agora Chemnitz.

Neste momento, gostaria de enviar uma saudação calorosa a todos os Chemnitzers, alemães, europeus, cidadãos da Terra e, em geral, a todos os seres dentro e fora do nosso planeta natal.